

# UMA JOIA FEITA DE IMAGEM E VIDRO

## A JEWELRY MADE OF IMAGE AND GLASS

**Caroline Pinho Leal**  
**UFRJ**

**Patrícia Danza Greco**  
**UFRJ**

**Érika Negreiros**  
**UFRJ**

### **Resumo**

O artigo em questão pretende tratar do processo de investigação pelo qual vem passando uma imagem em vidro redescoberta em meio a fotografias emolduradas na reserva técnica do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF). Pela ausência de informações associadas à peça, não se sabe como ela chegou até o acervo do EMCCF e se os danos irreversíveis que se encontram na peça foram causados no museu ou antes da sua chegada a esse novo ambiente social. Além disso, a existência de uma imagem idêntica revelada em papel nos arquivos da Casa de Oswaldo Cruz ainda suscita questionamentos sobre a existência ou não de relação entre os dois objetos. No fim, esse artigo espera sensibilizar o corpo social das universidades sobre as preciosidades que podem estar sob a sua guarda e que precisam contar com um olhar mais sensível quanto às suas necessidades de sobrevida e publicização.

### **Palavras-chave:**

Fotografia em vidro; memória científica; museu universitário.

### **FOTOGRAFIA ENQUANTO DOCUMENTO HISTÓRICO**

Tradicionalmente ancorada nas fontes escritas, sobretudo nos documentos oficiais, a historiografia produziu uma relação de interdependência entre a figura do historiador e o texto sobre o qual ele se debruça. No entanto, com novas tendências historiográficas que

### **Abstract**

*The article in question intends to deal with the investigation process that a glass image rediscovered among framed photographs in the technical reserve of the Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF) has been undergoing. Due to the lack of information associated with the piece, it is not known how it reached the EMCCF collection and whether the irreversible damage found in the piece was caused in the museum or before its arrival in this new social environment. Furthermore, the existence of an identical image revealed on paper in the archives of Casa de Oswaldo Cruz still raises questions about the existence or not of a relationship between the two objects. In the end, this article hopes to sensitize the social body of universities about the precious things that may be in their custody and that need to have a more sensitive look at their survival and publicity needs.*

### **Keywords:**

*Glass photography; scientific memory; university museum.*

surgiram ao longo do século XX, outros sujeitos históricos passaram a ganhar voz, assim como outras materialidades documentais foram reconhecidas como fontes importantes para a pesquisa histórica. Dentre essas fontes estão as fotografias, que passaram a ser valorizadas não somente pela ótica do documento, mas também do monumento. Segundo Mauad e Lopes (2012),

No primeiro caso, considera-se a fotografia a marca de uma materialidade passada, que nos informa sobre determinados aspectos desse passado, como condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro (Mauad; Lopes, 2012, p. 264).

Isso implica que uma fotografia é sempre muito mais do que uma simples prova histórica, como queria a Escola Positivista do final do século XIX e início do XX (Le Goff, 2012, p. 510). Ela é, acima de tudo, uma verdadeira testemunha ocular (Burke, 1992), ou seja, uma evidência histórica, que precisa ser tratada com o rigor metodológico e crítico da História enquanto ciência. Isso significa compreender que as fotografias são produtos de tecidos sociais, de onde saiu a captura daquele instantâneo, a sobrevivência dele e até mesmo o interesse de quem agora se coloca diante dele com objetivo investigativo.

Sendo assim, algumas fotografias podem ter sido por muito tempo ignoradas e negligenciadas por aqueles que não se interessavam pela informação mais óbvia que ela poderia fornecer; hoje, ao contrário, muitos são os pesquisadores que buscam esse tipo de fonte, se interessando pelos sujeitos e pelas memórias que foram silenciadas por muito tempo. No entanto, para que esse trabalho investigativo e interpretativo possa ser desenvolvido, é preciso ter conhecimento de onde estão essas fotografias, que por muitas vezes foram também menosprezadas pelas próprias instituições que as possuem, sendo abandonadas em uma caixa, gaveta ou armário.

Infelizmente isso é mais comum do que se imagina, sobretudo em instituições que não possuem uma política de memória. Isso se aplica às universidades públicas que, quando apresentam alguma iniciativa nesse sentido, ela sempre parte de poucos indivíduos que possuem um olhar mais cuidadoso para a importância dos objetos que são, tradicionalmente, apenas vistos como obsoletos e, portanto, abandonados em alguma sala para descarte. Esses indivíduos são aqueles que se levantam em atitude combativa a essa tradição, destacando que esses objetos compõem o patrimônio daquela instituição, que

guardam sua memória e se constituem, assim, como bens histórico-culturais, por vezes com importância também científica.

## **O ESPAÇO MEMORIAL CARLOS CHAGAS FILHO E SUA COLEÇÃO FOTOGRÁFICA**

O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF) é um museu de ciência e tecnologia do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esse museu é um dos mais de dez museus existentes nesta universidade, o qual foi criado exatamente como descrito acima: a partir da preocupação de um ou mais indivíduos que se interessavam pela preservação da memória.

É bem verdade que, quando o EMCCF foi inaugurado em 20 de dezembro de 2000, a preocupação era a de homenagear o Professor Carlos Chagas Filho, fundador do Instituto de Biofísica, que falecera em 16 de fevereiro do mesmo ano. No entanto, com o tempo, o que era apenas um espaço memorial tornou-se um museu efetivamente, responsável por preservar, pesquisar e comunicar um acervo impressionante de objetos de ciência e tecnologia reunidos, em sua grande maioria, pelo Professor Cezar Antonio Elias, também integrante do corpo docente do IBCCF e responsável por ser o único a olhar para esses objetos com a sensibilidade que eles mereciam. Na verdade, é preciso dizer que ele não foi o único, já que o próprio Carlos Chagas Filho já tentara, na década de 1950, sem sucesso, criar um museu de ciências na UFRJ, que à época se chamava Universidade do Brasil (UB). Curiosamente, muitos anos depois, justamente em função de seu falecimento e do olhar cuidadoso de Professor Elias, esse desejo materializou-se, tendo o museu iniciado sua missão justamente com a musealização do escritório onde Carlos Chagas Filho trabalhou na Ilha do Fundão.

Com o tempo, como dito, esse espaço foi ganhando novos contornos, ampliando seu acervo e ganhando novas áreas físicas. Conforme crescia em tamanho e importância, mais pesquisadores decidiram doar para o museu os pertences de importantes cientistas que tinham ajudado a construir a excelência do IBCCF e, assim, o EMCCF foi tendo dificuldades de guardar adequadamente todo esse legado. Além disso, nem sempre o EMCCF dispôs de profissionais da área de museus, tendo tido sua primeira museóloga apenas no início da

década de 2010, bem como profissionais da área de Conservação e Restauração, Divulgação Científica e Educação em Museus. Por todos esses motivos, há um universo de bens que precisam ainda ser redescobertos nos espaços que hoje competem à administração museológica do EMCCF, para que possam ser devidamente preservados. Em meio a esse processo de organização, catalogação e conservação, descobriu-se uma fotografia que, desde o início, encheu a equipe de entusiasmo pela sua descoberta ao passo que também impôs desafios significativos para sua correta identificação e restauração. É justamente sobre essa descoberta e as etapas até aqui processadas que esse artigo se propõe a tratar.

### DIPOSITIVO OU NEGATIVO? DE COLÓDIO OU GELATINA?

No ano de 2023, estava previsto para acontecer o VII Fórum Permanente de Museus Universitários (VII FPMU), no Rio de Janeiro, e o EMCCF já tinha descoberto um amontoado de fotografias no último módulo de seu armário deslizante, muitas das quais estavam emolduradas. Pensando sobre o tema a ser apresentado neste evento, optou-se por iniciar um breve levantamento do que havia naquelas gavetas e prateleiras e, foi assim, que a Conservadora e Restauradora do museu descobriu, em meio a muitas fotografias empilhadas, uma caixa de papelão, que, no seu interior, possuía uma imagem em vidro, que apresentava tanto características de positivo quanto de negativo. A surpresa que tomou a profissional quanto à materialidade do objeto e a técnica empregada também se estendeu para o conteúdo informacional da imagem em si, que viria a ser identificada nas semanas seguintes.

Logo a profissional informou aos demais interessados da equipe o que descobrira e foi decidido que esse seria o objeto sobre o qual o EMCCFalaria em sua apresentação no VII FPMU. A primeira etapa do trabalho consistiu na identificação detalhada do que fora encontrado: uma caixa retangular envolta por um fio de *nylon* ao qual estava preso um fragmento de papel com um número de catalogação antigo, "EMCCF - 385". Antes de continuar, é preciso dizer que o EMCCF passa hoje por um novo inventário, em que todo o seu acervo, já catalogado ou não, está recebendo um novo número de registro, que indica a coleção em que o objeto se insere e seu número único e

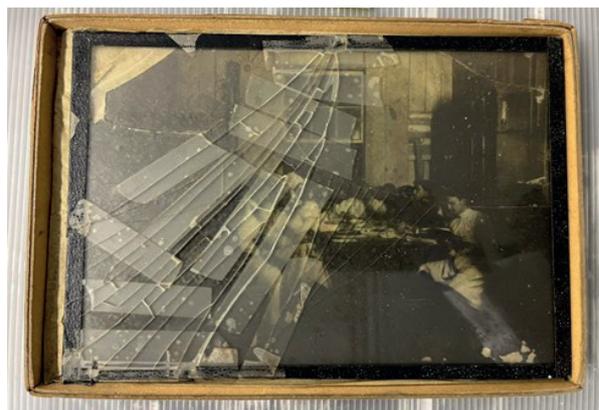


Figura 1 - Imagem em vidro encontrada na caixa de papelão.

Fonte: Acervo EMCCF.



Figura 2 - Envelope encontrado no interior da caixa, por trás da fotografia.

Fonte: Acervo do EMCCF.

exclusivo (Exemplo: CF-090 significa imagem 090 da Coleção Fotográfica). Isso porque nem todo o acervo do museu está catalogado e porque ele possui duas catalogações parciais feitas em anos anteriores, que não possuem comunicação entre si. Assim, a intenção dessa nova catalogação é inventariar o acervo como um todo, subdividindo-o em coleções temáticas e reunindo em uma única ficha todos os dados que um dia foram registrados sobre aquela peça, incluindo os números anteriores.

Retomando a descrição da fotografia, dentro da caixa citada, foi encontrada uma imagem monocromática em vidro (Figura 1), com o

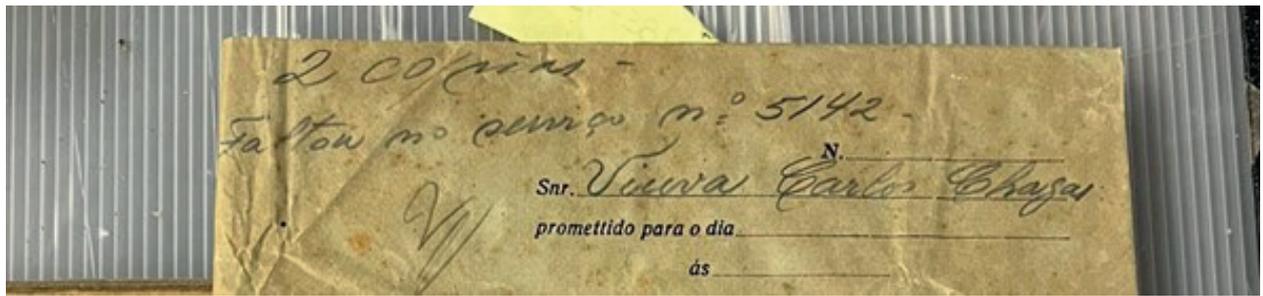


Figura 3 - Detalhe do envelope onde se lê as inscrições  
Fonte: Acervo do EMCCF.



Figura 4 - Imagem visível contra a luz.  
Fonte: Acervo EMCCF.

tamanho de 23,6 x 18,7 cm, e um envelope da empresa onde provavelmente a imagem foi revelada (Figura 2). Na parte de cima, em lápis ou similar, lia-se no envelope: "2 cópias - Faltou no serviço nº 5142 - Viuva Carlos Chagas" (Figura 3).

O suporte da imagem estava bastante rachado, colado com fita adesiva comum para sustentação dos fragmentos do vidro, contornado por tiras de papel que imitavam couro. O verso, visível na Figura 1, estava bem pior do que a frente (Figura 4).



Figura 5 - Detalhe da borda, com o couro danificado.  
Fonte: Arquivo EMCCF.

Analisando mais cuidadosamente o objeto, percebeu-se que havia um vidro na parte de trás da fotografia e que parecia estar mais danificado do que o próprio suporte da imagem. Com bisturi e espátula, foi cortada a lateral do papel, que já estava quase todo rompido, e retirado o vidro que estava por trás (Figura 5).

Após a remoção, verificou-se que o vidro estava de fato mais danificado que o suporte da imagem, mas este também possuía muitas rupturas sustentadas por fita adesiva comum.

Após essa etapa, as profissionais responsáveis pela pesquisa se debruçaram sobre a informação contida no envelope, uma vez que não estava claro quem seria a viúva do Carlos Chagas. Isso porque Carlos Chagas Filho também assinava todas as suas correspondências apenas como Carlos Chagas, assim como sua assinatura não possuía nenhuma menção à palavra "filho". Assim, essa viúva poderia ser tanto a do pai, quanto a do filho. Para descobrir, a investigação voltou-se para a empresa de revelação que constava no envelope. Todo o envelope apresentava a divulgação de uma máquina fotográfica da empresa alemã *Leica*. No entanto, na parte inferior do envelope, aparecia o nome da empresa onde provavelmente a imagem foi revelada, a "Lutz, Ferrando & Cia Limitada", localizada, ao que tudo indica, em três locais no Centro do Rio de Janeiro: Ouvidor, 88; Gonçalves Dias, 40; e Av. Rio Branco, 142. Procurando por essas lojas, todas deixaram de existir bem antes de 2000, ano de falecimento de Carlos Chagas Filho. Então, provavelmente,

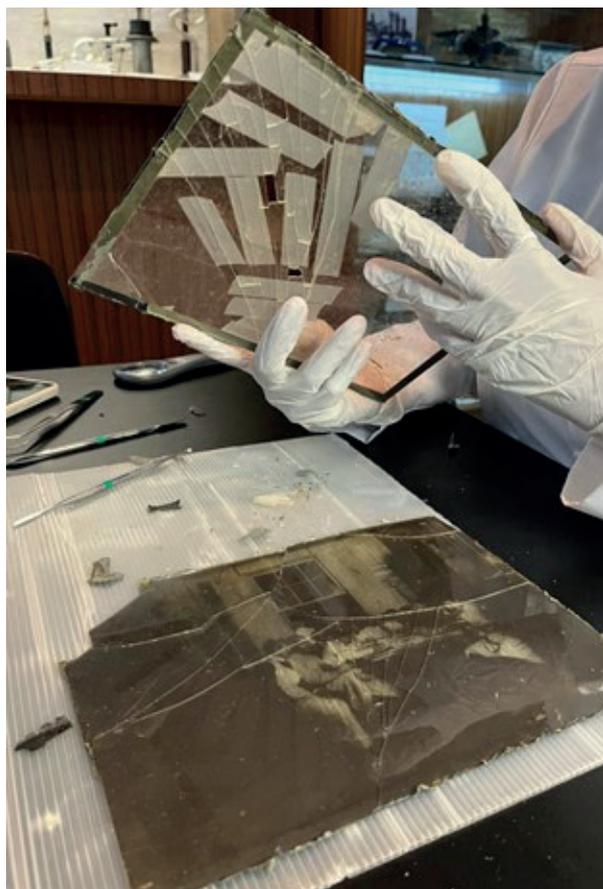


Figura 6 - Vidro removido e verso da imagem sobre polionda branco.  
Fonte: Acervo EMCCF.

a viúva referida no envelope é a de Carlos Chagas, falecido em 1934, década que condiz com a intensa atividade da Lutz Ferrando no campo da fotografia (Campos, 2008).

Dirimida essa dúvida, agora a investigação recairia sobre a imagem em si, tanto em termos de técnica quanto em termos de conteúdo informacional. Instantaneamente foram identificados os cientistas Carlos Chagas e Oswaldo Cruz. Em uma rápida consulta a uma pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz (COC) e responsável por uma tese que versa sobre Carlos Chagas, foi descoberto que essa imagem existia no acervo da COC. Em visita à instituição, não foi possível acessar a fotografia física, mas foi possível encontrá-la na Base de Dados da COC, a Base Arch. Por ela, descobriu-se que a imagem disponível na Fiocruz era em papel, de tamanho 22,5 x 18 cm, produzida em 1904, com título "Sessão científica dos pesquisadores do Instituto Soroterápico Federal" (Figura 7).

**Base Arch**

Pesquisar no acervo

Pesquisar Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Os 

[Descrição arquivística](#) | 
 [Instituição custodiadora](#) | 
 [Registro de autoridade](#) | 
 [Assuntos](#) | 
 [Locais](#) | 
 [Objetos digitais](#)



Acervos documentais Pesquisa rápida

- ▼ Coleção FO - Família Oswaldo Cruz
- ▼ Série 01 - Oswaldo Cruz
- ▼ Dossiê 02 - Fotografias
  - Item 01 - Oswaldo Cruz aos vinte anos
  - Item 02 - Doutorandos da Faculdade de M...
  - Item 03 - Cours de Microbie Technique, Ins...
  - Item 04 - Pesquisadores do Instituto Sorot...
  - Item 05 - Sessão científica dos pesquisado...
  - Item 06 - Missão do Instituto Pasteur com I...
  - Item 07 - Retrato de Oswaldo Cruz
  - Item 08 - Retrato de Oswaldo Cruz sentado
  - Item 09 - Oswaldo Cruz e João Pedroso Bar...

### Item 05 - Sessão científica dos pesquisadores do Instituto Soroterápico Federal

Família Oswaldo Cruz > Oswaldo Cruz > Fotografias > Sessão científica dos pesquisadores do...



**Área de identificação**

Código de referência	BR RJCOC FO-01-02-05
Título	Sessão científica dos pesquisadores do Instituto Soroterápico Federal
Data(s)	1904 (produção)
nível de descrição	Item
Dimensão e suporte	Documentos Iconográficos: 1 item (fotografia, p&b, 22,5cmx18cm)

**Área de contextualização**

**Área de transferência**

[Adicionar](#)

**Explorar**

[Lista de Dossies e itens](#)

[Ver como lista](#)

[Navegar objetos digitais](#)

**Exportar**

[Dublin Core 1.1 XML](#)

[EAD 2002 XML](#)

**Entidades coletivas, pessoas ou famílias relacionadas**

[Alcides Godoy \(Assunto\)](#)

[Antônio Cardoso Fontes \(Assunto\)](#)

[Henrique da Rocha Lima \(Assunto\)](#)

[Oswaldo Gonçalves Cruz \(Assunto\)](#)

[Henrique Marques Lisboa \(Assunto\)](#)

[Carlos Ribeiro Justiniano Chagas \(Assunto\)](#)

[Ezequiel Caetano Dias \(Assunto\)](#)

[Paulo de Figueiredo Parreiras Horta \(Assunto\)](#)

[Henrique de Beaufrepaire Rohan Aragão \(Assunto\)](#)

Figura 7 - Print da página em que foi encontrada a mesma imagem existente no EMCCF, mas em suporte distinto.

Fonte: Base Arch (COC / FIOCRUZ).

A etapa seguinte de investigação envolveu uma difícil tarefa, relacionada à identificação da técnica utilizada para revelação. O vidro como suporte, do tamanho que era, e a imagem em tom acastanhado e escuro pareciam indicar que ela se constituía como um negativo de colódio úmido (Pavão, 1997, p. 77 e 104). Mas apenas o tamanho do vidro e a coloração apontavam nesta direção, já que a imagem encontrada no EMCCF não se comportava apenas como negativo, mas também como positivo quando era vista a olho nu, especialmente se colocada sobre fundo claro (Figura 8) ou contraluz. Somente quando

repousada sobre um fundo escuro, a imagem torna-se um negativo (Figura 9).

Diante dessa característica, passou-se a cogitar a possibilidade de a imagem ser um diapositivo e não um negativo. Segundo Pavão (1997), o único diapositivo com propriedades semelhantes à imagem encontrada no EMCCF seria o diapositivo de lanterna, que “[...] é um positivo transparente preparado para a projecção por meio de uma *lanterna mágica*\*. Não apresenta costas opacas nem estojo, é sempre uma imagem positiva, tanto visto à luz transmitida como à luz reflectida” (Pavão,



Figura 8 - Imagem sobre fundo branco.  
Fonte: Acervo EMCCF.



Figura 9 - Imagem sobre fundo preto, com comportamento de negativo.  
Fonte: Acervo EMCCF.

1997, p. 102). No entanto, em nenhum momento o autor citou qualquer diapositivo de lanterna com dimensão semelhante à encontrada no EMCCF. Assim, até o presente momento, ainda não há uma conclusão sobre a imagem ser um negativo ou um diapositivo monocromático. Para tanto, será necessária uma análise mais apurada de peças semelhantes em acervos de instituições culturais.

Outro ponto de discussão foi a própria emulsão, já que, no processo de deterioração, não foram encontrados "rachas capilares" típicos do colódio (Pavão, 1997, p. 185). Ao contrário, observando a imagem com a ajuda de um microscópio digital portátil da marca Haiz, foi possível perceber

que a cor acastanhada, descrita como sendo uma característica patente do colódio, é também uma reação da gelatina, que possui grãos de prata que tanto amarelecem quanto formam o espelho de prata. Assim, a ausência de rachas capilares (Figura 10), associada ao amarelecimento total da imagem, ao espelho de prata (Figura 10) e aos focos avermelhados próprios da oxidação da prata (Figura 11), apontaram para um entendimento de que a imagem foi revelada em gelatina e não em colódio. Além disso, a própria espessura do vidro, que costuma chegar a no máximo 2 mm no caso da gelatina, condiz com a imagem encontrada no EMCCF, bem como a presença de bolor na emulsão, tradicionalmente encontrado na gelatina, indica isso também.



Figura 10 - Imagem microscópica de área de perda da emulsão, indicando ausência de rachas capilares e formação de espelho de prata.  
Fonte: Acervo EMCCF.



Figura 11 - Imagem microscópica indicando oxidação da prata presente na emulsão.  
Fonte: Acervo EMCCF.



Figura 12 - Fotografia em papel com a mesma imagem encontrada em vidro, mas com aparência de negativo.  
Fonte: Acervo EMCCF.

Enquanto essa pesquisa era realizada, teve início o mapeamento das fotografias que estavam localizadas no mesmo lugar onde a imagem que é foco desse artigo foi encontrada. E, também lá, foi localizada uma fotografia em papel com a mesma imagem encontrada em vidro, só que com aparência de negativo (Figura 12). Imagina-se que essa imagem tenha sido obtida com o auxílio de um *scanner* e impressa em folha do tipo fotográfica, uma vez que ela possui inclusive as marcas das fitas adesivas que mantêm os fragmentos do vidro unidos. A equipe optou por não testar essa hipótese no *scanner* da instituição, pela quantidade de luminescência que atingiria a peça, que já está extremamente fragilizada.

Em resumo, muitos são os questionamentos que ainda giram em torno desse objeto encontrado em meio a um amontoado de fotografias que não receberam ao longo dos anos o devido cuidado por não serem compreendidas como objetos inestimáveis para futuras pesquisas. E, quando o foram, não havia pessoal, material adequado e espaço físico disponível para que ela fosse apropriadamente acondicionada, o que pode ter levado a muitos dos danos que serão elencados na sessão a seguir.

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO E MAPEAMENTO DE DANOS

Para facilitar a identificação dos danos existentes na imagem, abaixo foi elaborada uma legenda com os diferentes processos de deterioração da peça:



Figuras 13 - Mapeamento de danos da imagem sobre fundo escuro.  
Fonte: Acervo EMCCF.

- Perda da imagem
- Possível oxidação
- Fita adesiva
- Deterioração da fita adesiva
- Perda do vidro
- Manchas esbranquiçadas
- Fissura
- Ruptura do vidro

Para indicação dos danos, os círculos coloridos foram colocados em cima ou próximo do dano, e a imagem foi subdividida em partes para facilitar a leitura (Figuras 13 e 14).

Diante da análise dos danos destacados na imagem, grande parte se resume a fissuras e perdas de vidro, que provavelmente foram causados por ações humanas. Sendo o objeto uma imagem possivelmente revelada em gelatina, como dito anteriormente, esse vidro é extremamente fino, com um milímetro de espessura, o que o torna muito frágil para qualquer tipo de manuseio inadequado e guarda inapropriada. Além disso, as fitas adesivas afixadas numa clara tentativa de conter a ruptura definitiva do vidro têm sua cola acidificada que reage quimicamente com a emulsão.

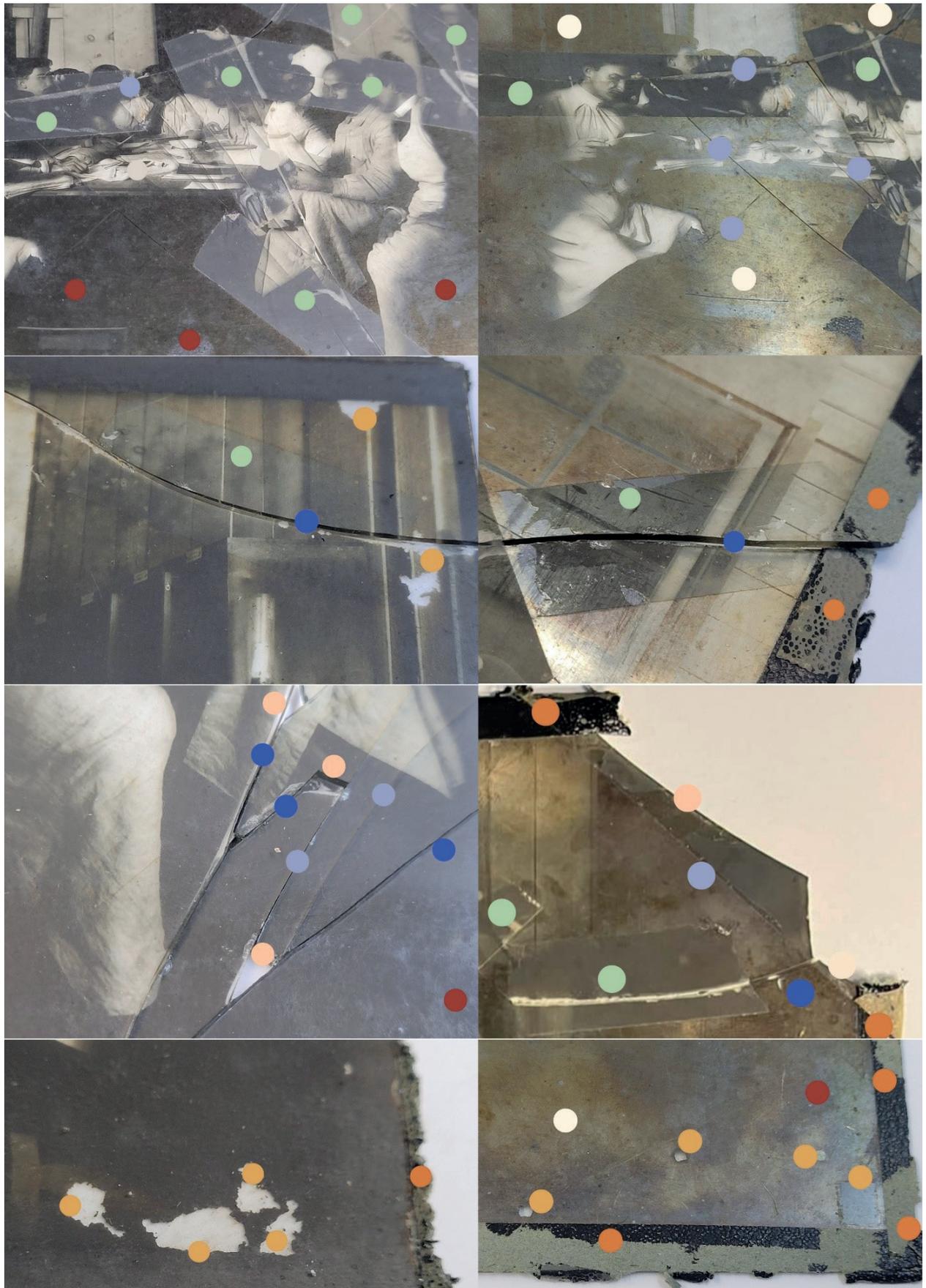


Figura 14 - Mapeamento de danos da imagem sobre fundo claro.  
Fonte: Acervo EMCCF.

Outro dano encontrado na imagem foi a oxidação, visível por meio do tom avermelhado e do espelho de prata, assim como as manchas esbranquiçadas, compatíveis com crescimento fúngico, se fazem presentes em alguns pontos da imagem. Ambas as características apontam para a possibilidade bastante segura de que a emulsão corresponde à gelatina e não ao colódio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem, foco dessa pesquisa, demonstra como os acervos universitários se constituem como universos pouco conhecidos e explorados, por não serem, muitas vezes, compreendidos como patrimônio e preservados como tal. Mesmo quando ocorre essa compreensão, a falta de recursos, tanto financeiros quanto humanos, acaba por relegar ao esquecimento verdadeiras joias culturais, que sofrem abandonadas sem qualquer tipo de controle climático e acondicionamento adequado, necessários à postergação da sua sobrevivência e à publicização de seu conteúdo informacional.

O objeto encontrado em meio a tantas outras fotografias emolduradas e, portanto, pesadas, estava em uma caixa de papelão e já recebera um número de identificação. Mas o cuidado com a fragilidade do seu suporte, dois vidros de um milímetro cada, não pôde ser realizado, provavelmente por falta de espaço físico e material para guarda definitiva. Ao ser encontrada, essa imagem já possuía danos irreversíveis de deterioração, não somente do suporte, mas do próprio conteúdo informacional, por meio da perda do vidro e da emulsão. No caso da emulsão ainda existente, esta já apresentava alterações químicas que prejudicavam a visualização da cena fotografada, bem como áreas com presença de micro-organismos aparentemente ativos.

Além disso, a ausência de informações adequadas da peça acabou suscitando uma série de dúvidas que poderiam ter sido facilmente dirimidas quando da entrada da imagem no museu. Como isso não foi realizado, porque muitas vezes a informação sobre os objetos existe apenas na mente de quem os recebeu e não registrou, ela acaba com o tempo se perdendo, seja pelo falecimento dos que poderiam esclarecer os enigmas, seja pelo próprio esquecimento típico da dinâmica do lembrar e esquecer da memória.

Assim, perguntas sobre esse objeto continuarão por muito tempo sendo realizadas, uma vez que a técnica ainda não foi plenamente identificada e ainda não se pode afirmar se ela é, por exemplo, o negativo que deu origem à fotografia que hoje encontra-se nos arquivos da Casa de Oswaldo Cruz. O envelope encontrado junto à fotografia indica que duas cópias foram possivelmente produzidas e não se sabe, também, se a imagem em vidro é uma das cópias ou a base para a produção delas.

Em médio prazo, espera-se apresentar o objeto a um especialista do campo da química e da fotografia para identificação correta da técnica e possível janela de datação, bem como solicitar a análise do papel da fotografia que está na COC. Algumas dessas respostas podem começar a elucidar melhor a trajetória que essa peça seguiu até ser redescoberta em 2023.

## REFERÊNCIAS

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História:** novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CAMPOS, Luana Carla Martins Campos. **Instantes como este serão seus para sempre:** práticas e representações fotográficas em Belo Horizonte (1894-1939). Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.

MAUAD, Ana Maria e LOPES, Marcos Felipe de Brum. História e Fotografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos Domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PAVÃO, Luis. **Conservação de Coleções de Fotografia.** Lisboa: Dinalivro, 1997.

## SOBRE AS AUTORAS

*Caroline Pinho Leal* é graduada em Conservação e Restauração na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Atuou como bolsista de Iniciação Artística e

Cultural e com atividades de extensão no Espaço Memorial Carlos Chagas Filho do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho - UFRJ. Estagiou na Biblioteca José de Alencar na Faculdade de Letras - UFRJ, no desenvolvimento de atividades na área de conservação preventiva, restauração, elaboração de fichas técnicas, além de pesquisa e identificação de obras raras. Estagiou no Museu Histórico e Diplomático no Palácio do Itamaraty através da Binoto Restaurações, no trabalho de varredura do museu, realizando atividades como: atualização de inventário, realização de bases de dados e condicionamentos. Hoje, é bolsista TCT4 em Conservação e Restauração pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) no Espaço Memorial Carlos Chagas Filho do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho - UFRJ.

E-mail: carolineleal1991@hotmail.com

*Patrícia Danza Greco* é doutoranda em História, Mestrado em História, especialização em História e Crítica das Artes no Século XX, bacharelado em Museologia e bacharelado e licenciatura em História. Atualmente faz parte do quadro de servidores da UFRJ, ocupando o cargo de Museóloga no Espaço Memorial Carlos Chagas Filho, sendo ainda membro permanente da Coordenação de Acervos Culturais do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ e integrante do Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural (SIMAP) - UFRJ. Além disso, é professora de História do Colégio Israelita Brasileiro Liessin e do Colégio Sagrado Coração de Maria. Principais funções já exercidas ou em exercício: Museóloga, Arte-Educadora, Mediadora, Divulgadora Científica, Professora Palestrante de História da Arte no Ensino Superior e Básico e Professora de História no Ensino Básico. Mais recentemente, foi eleita Conselheira Regional Suplente do Conselho Regional de Museologia 2 Região COREM 2R para o mandato 2022-2024.

E-mail: patriciadanza@biof.ufrj.br

*Érika Negreiros* é Professora Adjunta do IBCCF - UFRJ e Coordenadora do EMCCF. Possui Graduação em Ciências Biológicas pela UERJ, Mestrado em Ciências Morfológicas pela UFRJ, Doutorado em Ciências Morfológicas pela UFRJ, Pós-Doutorado pela UFRJ e Especialização em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde

pela Fiocruz. Atua como Membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery e Instituto de Atenção Básica São Francisco de Assis da UFRJ-CEP EEAN/HESFA/UFRJ, Membro titular da Comissão Deliberativa do Programa de Mestrado Profissional em Educação, Gestão e Difusão em Biociências do Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis, Integrante do Grupo de Trabalho Acervos Científicos, Artísticos e Culturais do CCS, Integrante Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural-SIMAP e Coordenadora Adjunta de Extensão do IBCCF. Tem experiência na área de Divulgação Científica e Extensão, com ênfase em História da Ciência, Educação Museal e Patrimônio de Ciência e Tecnologia.

E-mail: erikanegres@biof.ufrj.br

Recebido em: 02/09/2024

Aprovado em: 25/10/2024